

## **39º Encontro Anual da Anpocs**

### **AREA: SPG18 Relações raciais: desigualdades, identidades e políticas públicas**

#### **Trajetórias profissionais de mulheres negras doutoras e professoras universitárias: uma discussão para além da meritocracia.**

Maria Simone Euclides - simoneeuclides@yahoo.com.br - Mestre –  
Doutorando (a) (UFC), Professora Assistente- Universidade Federal do Piauí,  
Campus Cinobelina Elvas

Joselina da Silva-joselinajo@yahoo.com.br  
Professora Adjunta- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Docente Colaboradora do Programa de Pós Graduação em Educação-  
Universidade Federal do Ceará.

## Resumo

O presente artigo, é parte de uma pesquisa de doutorado que se encontra em andamento, cujo objetivo é identificar a trajetória profissional de mulheres negras doutoras e professoras universitárias que atuam no estado do Ceará. Objetivamente, nessa pesquisa busca se compreender se racismo institucional e gênero interferem em suas trajetórias profissionais, ou quais os desafios encontrados para se legitimarem no espaço acadêmico e científico. A metodologia adotada parte de uma pesquisa qualitativa mediante a realização de entrevistas semi estruturadas junto às professoras negras identificadas nas instituições públicas federais e estaduais que atuam no estado do Ceará. Dentre os principais resultados encontrados, destaca-se que marcadores de classe, gênero e raça encontram-se associados tanto em suas trajetórias pessoais quanto na trajetória profissional. Mesmo desafiando a ordem aparentemente natural dos “lugares” e “papéis sociais”, cotidianamente, racismo e sexismo aparecem de forma camuflada e disfarçada de discursos de meritocracia e competência.

## Considerações Iniciais

São recorrentes estudos sobre gênero e ciência na academia que tratam exclusivamente dos entraves enfrentados por mulheres que participam de espaços ditos masculinos (BORDI, BATISTA, 2007; CARVALHO, CASAGRANDE, 2011; CITELI, 2000; COSTA, 2006; KISS, BAIROS, ALVAREZ, 2007; VELHO, LÉON, 2012; YANOULLAS, 2007) e as implicações de gênero envolvidas. Constata-se nessas pesquisas que existem barreiras simbólicas que impedem a ascensão profissional para mulheres que ousam ingressar em carreiras masculinas. Como se trata de um lugar que outrora representada pelo universo masculino, quando as mulheres ocupam espaços como cargos de chefias em departamentos de engenharia, têm que a todo o momento comprovarem a sua capacidade para estar naquele lugar. Em muitas das discussões onde se tem a dúvida da credibilidade das mulheres na ciência, pode ser explicada com base na ideia do subjetivismo e objetivismo. A ciência masculina seria aquela objetiva enquanto a ciência feminina seria baseada na não cientificidade do objeto pesquisado. Contribuições importantes têm-se com os estudos feministas de Evelyn Fox Keller (2006), ao problematizar o fato de mais mulheres ingressarem na carreira científica mudaria o status de ciência.

Embora haja muita discussão nessa perspectiva, a saber, gênero e ciência, investigações que tratem exclusivamente da situação mulheres negras no espaço universitário ainda não se encontra uma vasta discussão a respeito. Nos poucos trabalhos nos quais essa problemática é discutida, o principal enfoque tem sido a condição subvalorizada da mulher negra, desde a infância à chegada à Universidade (Gomes, 1994; Oliveira, 2006; Crisostomo e Reigota, 2010; Nascimento e Muller, 2011; Silva, 2012; Nascimento, 2012; Laborne, 2012; Reis, 2012; Moreira, 2013), sendo retratada pelo estudo de trajetórias pessoais. A relevância desses estudos está em trazer uma caracterização do perfil de quem são essas mulheres que ingressam em universidades, o lugar de onde vêm, as dificuldades enfrentadas durante o processo de escolarização e as estratégias desenvolvidas para conseguirem permanecer na universidade.

Tendo ressaltado a importância dessas pesquisas, por outro lado é importante destacar a ausência de estudos que contemplem os caminhos percorridos por mulheres negras que se tornaram doutoras e já são professoras universitárias. Quais os desafios essas mulheres encontram no cotidiano? Racismo institucional, assim como o gênero incidiria sob a não participação dessas professoras em cargos de chefia? Que estratégias essas sujeitas têm adotado no dia a dia das universidades públicas?

De modo a contribuir com as discussões de gênero, raça e racismo institucional, este artigo tem por objetivo procura analisar a trajetória profissional de mulheres negras, doutoras e professoras em universidades públicas no estado do Ceará, região Nordeste do Brasil. Pretende-se com este estudo identificar as estratégias estabelecidas por essas professoras em sua condição profissional e pessoal e as implicações do racismo institucional, tendo como foco a ascensão social nesse espaço.

A escolha do *lôcus* da pesquisa recai sobre a ausência de trabalhos que tratem da questão racial e de gênero na perspectiva do ambiente acadêmico. Ademais, sobretudo no Ceará, primeira província a decretar a abolição da escravidão em 1884, impera um discurso no imaginário social de que, neste estado, a população negra é reduzida e, conseqüentemente, problemas raciais não são relevantes. Busca-se compreender se

haveria algum impedimento para que essas professoras ocupassem lugares de prestígio na universidade.

A metodologia utilizada é de cunho qualitativo, mediante a realização de entrevistas semiestruturadas com professoras de universidades públicas do estado do Ceará, que se identifiquem racialmente como negras. Até o presente momento, foram realizadas 7 entrevistas.

### **Sobre racismo, sexismo e suas nuances no espaço acadêmico**

Para discorrermos sobre como se dá a construção do racismo e do sexismo nas sociedades atuais, é imprescindível tocarmos na ideia do imaginário social, ou como as construções se dão em torno das diferenças, gerando as desigualdades que tanto conhecemos. Na visão de Gomes (2003), o corpo, mais do que visível, é sempre uma representação da sociedade. O corpo é a representação exterior do que somos. Nessa representação, somos a todo o momento interpretados e recriados. Nesse sentido, as diferenças, mesmo aquelas que nos apresentam como as mais físicas, biológicas e visíveis a olho nu, são construídas, inventadas pela cultura. A natureza é interpretada pela cultura. Ao pensarmos dessa forma, entramos nos domínios simbólicos e é nesse campo que foram e são construídas as diferenças étnico-raciais. Gomes (2003) ressalta ainda que, ao longo da experiência histórica, social e cultural, a diferença entre brancos e negros foi construída pela cultura, como uma forma de classificação e hierarquização entre os mesmos.

Alguns aspectos corporais em contextos discriminatórios transformaram as diferenças inscritas no corpo em marcas de inferioridade. Nesse processo, são estabelecidos padrões de superioridade/inferioridade, beleza/feiura. A escravidão deixou como marca no tecido social brasileiro um estigma vinculado ao negro, como inferior e dotado de uma mentalidade pré-lógica (MUNANGA, 2004). Segundo Abramowicz, Oliveira e Rodrigues (2010), o corpo pode simbolizar aquilo que uma sociedade deseja que ele seja. Para Ianni (1966), os mitos dominantes de uma sociedade são sempre os mitos convenientes à preservação da estrutura de interesses materiais e conveniências sociais. Pode-se perceber a partir desse tipo de abordagem que, para a Sociologia, sociedades

com manifestações visíveis ou subliminares de racismo produziram discursos para normalizar as diferenças entre os sujeitos, atribuindo-lhes a responsabilidade pelas desigualdades sofridas (GOMES, 2005).

Passa a ser exercido e ser exercido na visão de Bourdieu (2005), uma violência simbólica a qual, trata-se de uma violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação deixando efeitos nefastos na construção identitária dos sujeitos.

Na visão de Guimarães (2008), o racismo é uma forma bastante específica de naturalizar a vida social, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais. A atitude na qual se baseia o racismo, assim como todas as outras formas de naturalização do mundo social, está presente no cotidiano quer seja nas relações micro, quer seja nas macro relações.

Neusa Santos Souza (1983), fazendo uma analogia do racismo com os aspectos psicológicos do mesmo, identificou que a consequência do racismo seria levar o negro a projetar um futuro identitário antagônico em relação à realidade do seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Identidades então passaram a ser construídas e negociadas a partir do confronto das diferenças étnico-raciais entre brancos e negros. Para os negros, essa articulação se deu de forma inferiorizada, repercutindo em uma não imagem de si mesmo. Consequentemente, a história de negros e brancos foi estabelecida por relações assimétricas e antagônicas, que se refletem principalmente na desigualdade de acesso a recursos e na tomada de posição nos espaços públicos e privados da sociedade (GOMES, 2003). Além disso, o que o racismo mais imputa é a forma de fixar a noção de ser inferior (GOFFMAN, 1988).

Um dos desafios para a reconstrução desse imaginário e o combate ao racismo, deve-se a fato de padecermos de um racismo que se apresenta quase que imperceptível dificultando mapearmos e combatermos na prática (MUNANGA, 2004, GOMES, 2003).

Padecemos, assim, de um racismo disfarçado entre o que é correto na sociedade (bom senso) e a falsa ironia da igualdade. Se, por um lado, os riscos do nosso particularismo

racial nos levam a esconder a existência do racismo brasileiro, por outro lado, o silenciamento e a não discussão efetiva de tais conflitos raciais funcionariam como um pilar onde a harmonia entre ambas as partes (brancos e não brancos) seria sedimentada, e o lugar das brincadeiras é um lugar privilegiado para observar tais negociações.

De modo a classificar os indivíduos e assim dividi-los em uma hierarquia que varia de acordo com a tonalidade da cor da pele, o racismo impera em diversas instâncias da sociedade, impedindo que negros e brancos tenham o mesmo acesso às possibilidades circunscritas no mundo moderno. Um exemplo disso é o racismo institucional, que, assim como os demais tipos de racismo, é camuflado, velado, mas nem por isso deixa de ser presente, fazendo vítimas negras e negras e impedindo seu acesso a determinados espaços sociais. Trata-se de impedir institucionalmente o acesso de quem está na categoria racial negra a bens e serviços públicos, tais como assistência educacional, saúde dentre outros.

Dessa forma, a ausência de negros em espaços privilegiados como o Ensino Superior ou cargos que culturalmente têm a presença majoritária de brancos é sinal de que há, embutido na lógica social, um recorte hierárquico de raça no qual se têm claramente definidos lugares e papéis sociais. Exclusivamente no espaço educacional, um dos recortes muito utilizados para sugerir a reversão das desigualdades reside na ideia de que todos são capazes, ou que temos as mesmas condições de “vencer na vida”. Por detrás da ideologia do mérito, fica embutida a noção de desempenho e capacidades individuais sobrepondo-se às singularidades de preconceito, discriminação e o famoso racismo nas entrelinhas.

Assim, a grande questão da meritocracia é inculcar-nos que não conseguimos acessar os bens do mercado simbólico como culpados pela sua própria sorte. A assunção da culpa e a interiorização dos problemas de um contexto maior de hierarquias acaba por legitimar ainda mais uma identificação negativa sobre si mesmo.

Mais do que essas questões permanecerem mal resolvidas no imaginário social, é a dimensão superficial e conformação devidamente encontrada nos discursos do senso comum sobre racismo e discriminação. Indivíduos negros passam a incorporar os

discursos de negação e isso afeta diretamente a constituição da ideia de um pertencimento racial menos difuso.

Mesmo em estados cuja população é de maioria afrodescendente, a minoria destes fazem parte do universo acadêmico do ensino superior. Quando atingem esse patamar pagam com o ônus da negociação, conflitos e assimetrias ocasionados pelo racismo camuflado. A universidade pública ainda é um gargalo para a população negra. Apesar dos avanços com a política de promoção de cotas raciais e o Prouni, ainda existe uma grande diferença entre o acesso e permanência de jovens negros no ensino superior. Sua trajetória de sucesso é assim marcada por um esforço individual no qual se abdica de várias questões inclusive da vida familiar. Segundo Nascimento, Müller (2011) embora exista um número significativo de docentes negros “militando nas redes de ensino público, percebe-se que os melhores cargos, aqueles que propiciam a gerência, a assessoria, e a decisão, raramente são ocupados por pessoas da pele mais escura” (p.70).

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA - divulgou recentemente uma análise que evidencia o retrato das desigualdades de gênero e raça nos diferentes setores da nossa sociedade. A partir do referido estudo, nota-se que a população negra é a mais afetada pelas desigualdades sociais. Todavia, essas desigualdades são mais acentuadas quando se trata do sexo feminino e da cor preta. No mercado de trabalho, por exemplo, as mulheres negras são as que se encontram em pior situação. Isso com relação aos indicadores de desemprego, de rendimentos salariais, ocupação profissional, carteira de trabalho assinada etc (NUNES, 2011).

De acordo com Crespo e Vilela (2014), os pretos e pardos, que são 53% da população, figuram como a maioria dos desempregados: 60,6% no ano passado. Com relação a gênero, as mulheres são as que mais sofrem com o desemprego: elas são 56,9% das pessoas sem trabalho. As mulheres negras que conquistam melhores cargos no mercado de trabalho despendem uma força muito maior que outros setores da sociedade, sendo que algumas provavelmente pagam um preço alto pela conquista. Pois, além da necessidade de comprovar a competência profissional, têm de lidar com o preconceito e a discriminação racial que lhes exigem maiores esforços para a conquista de uma posição e respeito profissional. A questão de gênero é, em si, um complicador, mas, quando

somada à da raça, significa as maiores dificuldades para os seus agentes (CRISOSTOMO, REIGOTA; 2010).

De acordo com Bourdieu (2005), o sexismo é um essencialismo, assim como o racismo, ele visa imputar diferenças sociais historicamente instituídas a uma natureza biológica funcionando como uma essência da qual se deduzem implacavelmente todos os atos da existência. Além disso, dentre todas as outras formas de essencialismo, o sexismo é, sem dúvidas, o mais difícil de ser desconstruído, pois se encontra de tal forma como produto e produtor das relações entre os indivíduos, que é transmitido e socializado ao longo dos tempos.

Legitimado assim por um *habitus* estruturado e estruturante das relações sócias o qual se configura ainda pelo princípio de visão e divisão de lugares e espaços específicos para homens e mulheres na sociedade. Tais distinções se estabelecem de maneira hierárquica no qual *lugares masculinos* tendem a ser mais valorizados do que os *lugares femininos* supondo uma hierarquia direta entre os mesmos. O homem estaria diretamente relacionado aos espaços públicos, bem como a ideia de cultura (rua, mundo dos negócios, conhecimento, mais ligados aquilo ao processo de produção que gera capital financeiro) e as mulheres aos espaços privados bem como a ideia de natureza como o cuidado da casa, filhos, horta e o quintal (reprodução social- que não gera capital econômico). Em ambas as situações descritas acima, o destino e a limitação dos papéis parece circunscrever toda a trajetória de homens e mulheres caindo, pois, em armadilhas e ciladas para ambos os sexos.

Gênero então passa a ser uma categoria útil de análise para se compreender como se dão as relações entre mulheres e homens na sociedade (SCOTT, 1992). O que corrobora com as discussões de Louro (1992), no qual, não são propriamente as características sexuais que definem o gênero, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir efetivamente o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade. Portanto, compreender o lugar e as relações de homens e mulheres importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre eles. Sendo assim, o debate vai se constituir



através de uma nova linguagem na qual gênero será um conceito fundamental que deve ser ancorado as outras múltiplas formas de exclusão de mulheres.

Dessa forma, compreender a trajetória de docentes negras no ensino superior torna-se cada vez mais pertinente, pois se analisarmos a pirâmide social, verifica-se que a medida que avança-se os anos de escolaridade a presença de pessoas do segmento étnico racial negro torna-se cada vez mais ausente.

Assim, o fenômeno da super qualificação será mais presente, deste modo, para as pretas e pardas, uma vez que estas tendem a ser alocadas no mercado de trabalho em lugares profissionais abaixo da sua formação acadêmica e ou técnica. Logo, mesmo na ausência de maiores e exaustivas análises se pode inferir que o quadro não será diferenciado para as mulheres negras quando no Ensino Superior, seja na condição de discentes, seja na de docentes (DA SILVA, 2010) Tal situação é reflexo das desigualdades e hierarquias raciais que compõem o quadro da sociedade brasileira.

Destacando as discussões de gênero para o âmbito educacional e científico, percebe-se assim de forma latente as nuances. Como bem destaca Melo et al. (2004), a posse de um diploma ainda é uma das vias de formação e oportunidades para a maioria da população que deseja ocupar um posto no mercado de trabalho. Apesar de haver uma feminização do espaço escolar, a medida que se avança nos níveis de ensino, menos chances existem de ser encontrada a participação feminina (BORDI, BAUTISTA, 2007). Há diferenciadas relações e atribuições de papéis nos quais mulheres e homens, vem ocupando posições diversificadas e desiguais no mercado de bens simbólicos. Tais configurações de acordo com Bourdieu (1996) são regidas por uma série de princípios e valores que legitimam determinados “lugares sociais” como gênero, a detenção da posse de capital cultural, social e econômico e outras categorias analíticas.

Dessa forma, há um acúmulo de estudos e pesquisas que apontam que há uma tendência a identificar a ciência como algo exclusivamente masculino. Como destacam as autoras (BORDI, BAUTISTA, 2007): “*las ciencias son para los varones y el servicio para las mujeres*”. Aquelas que logram ingressar no espaço, rompem com uma cadeia lógica de normalidade, quebrando paradigmas de competência e destino profissional. Toda essa

“identificação” é parte de um contexto maior de resquícios ainda da hierarquização de papéis masculinos e femininos na sociedade. De forma simbólica, homens e mulheres já nascem com determinadas ideias do que é lugar de mulher e o que é lugar de homem, e isso reflete nas atitudes, conquistas e projetos. É o que Bourdieu (2005) chamaria de submissão encantada ou uma socialização desde sempre realizada para manter os corpos em ordem na perspectiva de Foucault em *Microfísica do Poder* (2007).

Ancorando as construções culturais sobre as questões de gênero, é válido destacar algo evidenciado pelas pesquisadoras Bordi e Bautista (2007); que para o sexo masculino não impera a questão biológica da maternidade. Para eles, não há diretamente a necessidade de combinar o desenvolvimento profissional com a maternidade e o cuidado do lar, como o é para as mulheres. Dessa forma, isso lhes garante uma maior disponibilidade de assumir cargos de decisão nas instituições e dedicarem a carreira acadêmica.

Tendem a encontrar mulheres em atividades de pesquisas que não estejam relacionadas a permanência em laboratórios já que em grande parte são mulheres casadas e com filhos (BORDI; BATISTA (2007) chamam a atenção para a realidade do ensino superior mexicano e analisam que a maternidade que aparece como marco que distingue lugares de pertença para homens e mulheres na sociedade. E isso há de ser levado em conta quando se analisa e se estuda os critérios de produtividade para os mesmos, pois segundo as autoras, boa parte das mulheres tendem a postergar a vida acadêmica, em virtude do cuidado dos filhos, que lhes toma uma maior dedicação.

Essa situação não se modifica no contexto brasileiro, ao passo que o sistema patriarcal que legitima os papéis de gênero, ainda não foram desmistificados. Como bem evidenciado por Carvalho e Casagrande (2011), ainda hoje, há um descompasso entre a trajetória profissional despendida por homens e mulheres no mercado de trabalho. De modo que as mulheres ainda são as que assumem o papel da casa, do cuidado dos filhos e dos idosos o que acaba implicando em sua saída para além do âmbito doméstico.

Além dessas questões, as autoras acima mencionadas, evidenciaram que há certa divisão por gênero de carreiras na universidade, onde os homens estariam ligados diretamente a ciência dita dura e as mulheres às áreas no qual se tem uma restrita interação com o

cuidado ou as falácias do estereótipo do que é ser feminino. O que pode ser interpretado também como a extensão do serviço doméstico das mulheres no mundo privado para o espaço público.

Para De Castro Guedes (2013), a discussão sobre gênero e ciência vai além da questão da divisão sexual do trabalho; ou a dupla jornada de trabalho de mulheres que conciliam estudos e cuidado da casa e dos filhos, pois se fosse assim, mulheres solteiras estariam no topo da carreira, não teriam dificuldades para avançarem na produtividade científica assim como os homens conseguem. Diante disso, nota-se que de forma sutil ainda existem barreiras simbólicas que impedem que mulheres alcancem o topo da carreira da mesma forma que os homens alcançam.

Todas essas “limitações” fazem com que as trajetórias para mulheres e homens se diferenciem, principalmente quando se tem em vista que para as últimas, a inserção científica se dá de uma forma tardia (CITELI, 2000). E o processo para serem reconhecidas é também diferenciado quando se compara ao universo masculino (COSTA, 2006).

Com todos os vieses, a presença feminina no espaço científico ainda é pouco representativa, seja delicada, quando se articula as questões de gênero e a racial, nota-se uma situação bastante emblemática para mulheres negras. Enquanto mulheres brancas reivindicam reconhecimento no universo acadêmico, as mulheres negras caminham na perspectiva de serem integradas no mercado de trabalho para além do espaço de trabalhadoras domésticas. Sendo assim, é importante destacar que a categoria “mulher”, embora mulheres formem um grupo, não é um grupo singular, pois as mulheres são também diferentes, com identidades e posições sociais diferentes “que fazem a diferença” (HUIJG DYI, 2007).

### **Compreendendo a dimensão**

Encontrar as professoras negras não foi um exercício difícil uma vez que pelo número reduzido das mesmas nas universidades, foi fácil fazer o mapeamento de todas aquelas que estão atuando nas universidades públicas no Estado do Ceará. A não existência de outras professoras negras era algo recorrente na fala, uma vez que dava para se contar

nos dedos e apontar quais eram as professoras negras doutoras. Dessa forma, foi se mapeando e identificando as professoras para a realização das entrevistas. No total foram realizadas 7<sup>1</sup> entrevistas, dentre elas 3 são docentes da Unilab, 3 da universidade estadual do Cariri – URCA e uma da Universidade Estadual do Ceará.

[...] o ensino superior nunca foi lugar para comunidade negra e em menor escala para mulheres negras.

Por que você diz isso?

Porque eu digo isso porque a gente vê a cor da Educação Superior no Brasil. Nós sabemos, os próprios dados da educação mostram isso, e a gente vê no dia a dia da nossa universidade. Mesmo que nós estejamos em um curso de Licenciatura (Pedagogia), entendendo a universidade como um todo, a gente vê claramente que não vamos encontrar os negros e os índios, que são maioria da população dentro da instituição da educação superior. Então nós vamos aparecer aos poucos... (Entrevistada Zaire, 2015)

Apesar de serem diferenciadas pelos perfis identitários de idade e local onde trabalham, percebe-se um fio que as une individualmente e coletivamente, a saber: o lugar de origem demarcado pela privação econômica, baixo nível de escolaridade dos pais e as estratégias de resistência frente ao contexto de privação. Das 7 entrevistas realizadas até o momento, todas se concentram na área de Ciências Humanas, corroborando com pesquisas já realizadas por Queiroz (2001) que estudaram a presença de mulheres negras no Ensino Superior e a distinção por cursos. A saber, cursos relacionados a posições de menor prestígio na sociedade, são os espaços onde se encontram a maioria das estudantes negras.

Diante dessa constatação haveria alguma causa intrínseca entre a escolha desses cursos e as condições objetivas desde cedo disponíveis para as professoras negras? Bom, se seguirmos a lógica de Bourdieu (1996) sobre a causalidade do provável, percebe-se que há sim uma ligação entre as condições de vida que essas mulheres tinham desde a infância, e a escolha do curso. Como dito, grande parte vieram de camadas populares, com pais e mães com baixo índice de escolaridade, dada as reais condições de sobrevivência para as mesmas, essa oportunidade de se formarem em um curso de Humanas, pode ter sido uma das principais possibilidades para se pensar em uma carreira universitária.

---

<sup>1</sup> De modo a manter o anonimato das professoras negras, resolvemos identifica-las por nomes africanos: Zaira, Safiha, Dandara, Kenia, Iemanjá, Chaniya, Alike.

Ademais, outra característica bastante comum é que estamos falando de uma realidade peculiar onde nem sempre todos os familiares das docentes, tiveram o mesmo percurso que as mesmas:

lá em casa somos 8 irmãos, os 4 primeiros, tiveram que trabalhar logo, não puderam ter acesso a nenhuma escola técnica e nenhum vestibular logo, porque terminaram o ensino médio eles foram a trabalhar para ajudar a criar e cuidar da família. Os 4 mais novos chegaram a fazer universidade, então é interessante isso nós vamos ter os 4 mais velhos sem ter um curso superior e nós vamos ter os 4 mais novos fazendo curso superior, que é a partir da ajuda dos irmãos mais velhos. Então não foi escolha né, foi a realidade que se impôs a condição de cada um. (Entrevistanda Zaira, 2015).

Como professora, eu sou a 1ª da minha família. (...) eu comecei uma época lá no Rio Grande do Sul em Porto Alegre a militar no movimento negro, foi através da minha inserção no movimento negro que eu primeiro tive contato com a ideia que eu podia fazer um curso superior, que esse mundo existia, que era um horizonte possível na minha vida. (Entrevistada Safiha, 2015)

Há todo um processo de negociação e rearranjos com os demais membros familiares de modo que um ajude o outro a se formar e posteriormente o irmão ou irmã da linhagem consiga também se graduar. Essa ajuda tende a ser tanto financeira quanto também apoio emocional. Uma das entrevistadas relata que dentre essas estratégias, a mãe incentivou a mudança da família do interior para a capital a fim de que os filhos tivessem oportunidades melhores de ensino.

(...) mamãe tinha uma prioridade que era a educação. Ela ficava muito preocupada da gente ficar num lugar que não tivesse condição de dar escolaridade para os filhos. Então ela queria muito vir para Teresina, que era capital, mesmo ciente de que iria enfrentar muito desafio mas que ia ser bom. (Entrevistanda Dandara, 2015)

Em alguns casos, percebe-se que a família, não podendo propiciar o mesmo tipo de trajetória a todos os filhos, acaba adotando estratégias que garantam pelo menos para alguns uma ascensão. (LABORNE, 2014). Outra estratégia, na análise de Moema Poli Teixeira (2003), é a que privilegia os irmãos mais novos, que recebem mais educação porque podem contar com a ajuda dos irmãos mais velhos que já ingressaram no mercado de trabalho e contribuem com a renda familiar.

Dentre as professoras pesquisadas apenas duas professoras tinham irmãos que também possuíam curso superior. Tal constatação evidencia o quão é difícil e às vezes deve ser negociada a inserção de jovens negras no Ensino Superior. A possibilidade de se formar aparece assim, como um projeto de vida compartilhado por todos os membros da família, que não carecem de esforços para que se chegue a esse determinado objetivo, pelo fato deles não terem tido a mesma oportunidade no passado. (FERNANDES, 2008; TEIXEIRA, 2003; LABORNE, 2014).

Sou de família de 5 filhos, eu só a 2ª filha e de todos os filhos, a única que meu pai resolveu determinar a profissão, fui eu. (Entrevistada Alike, 2015)

Somada às questões de classe, exceto uma das entrevistadas, as demais vieram de famílias de camadas populares e de contexto regional bastante precário, a saber, a região nordeste a qual apresenta altos índices de desigualdades e privação social. Outro demarcador interessante, diz respeito a faixa etária das entrevistadas e a entrada no mundo acadêmico, onde nota-se que em sua grande maioria deu-se de modo tardio pois tiveram postergar os estudos devido as necessidades reais de existência, como trabalhar e ajudar nas despesas familiares. Assim, o ingresso no ensino superior, não se apresentou como uma trajetória linear e contínua. Uma das entrevistadas contou que se engravidou e teve com conciliar a maternidade com a formação no ensino superior, adiando consequentemente o ingresso no ensino superior.

O primeiro emprego para grande maioria das entrevistadas ocorreu antes dos 18 anos e se efetivou no mercado informal, exercendo funções como empregadas domésticas ou babás ou autônomas: *para me manter eu vendia roupas: calcinhas, sutiãs, joias* (Entrevistada Alike, 2015). Era algo instável, do qual trazia preocupações, mas era uma das formas encontradas para se manterem nas universidades. A partir da formação no ensino superior é que foram surgindo oportunidades de estágios remunerados em distintas funções ancoradas aos cursos em que se graduavam como bolsas de pesquisa e extensão, ou mesmo dar aulas em escolas municipais e particulares.

Essa articulação entre trabalho e formação, foi algo recorrente para todas as entrevistadas, não somente no período da graduação como também nos demais níveis de escolaridade.

(...) o tempo mais folgado que eu tive, mas também marcado por um cenário de pobreza, foi minha graduação. Mas a minha pós que é uma especialização que já era casada e era pobre morando nessa cidade que era pobre (...) depois eu fiz o mestrado eu era bolsista, mas também foi com muita dificuldade e no doutorado eu fiquei mais feliz porque eu já era concursada, mas eu não poderia gozar com bolsa para fazer o doutorado. Então meus estudos foram perpassados por muitas dificuldades ou financeiros ou de tempo ou os dois. Nunca me foi dado todas as possibilidades de estudar de uma forma tranquila. Eu tenho inveja na verdade de quem consegue se afastar para fazer só um doutorado com sua bolsa. Eu não nunca tive isso. Não fez parte da minha história, da minha trajetória, assim como não para a trajetória de grande maioria das mulheres negras de estudar confortavelmente. A gente estuda pressionada de ter que dar respostas para as condições objetivas de subsistência para poder criar os filhos. (Entrevistanda Dandara, 2015).

Novamente, ressalto que isso é algo marcante nas trajetórias de indivíduos que se enquadram na categoria racial de pretos e pardos conforme estudos já realizados por Queiróz, 2001; Teixeira, 2003; Laborne, 2014; essa categoria, historicamente, ainda tem dificuldades de inserção no mundo capitalista, haja vista, os processos de exclusão que culturalmente fazem parte da realidade brasileira.

Quanto ao caráter político da presença e atuação de mulheres negras nos espaços universitários, durante o ingresso na pós-graduação, tanto no mestrado e no doutorado, sensibilizadas às questões raciais, as entrevistadas investigaram temas que se relacionam com as discussões raciais de modo a investigar a inquietude que traziam consigo as mesmas nas respectivas áreas de formação. Tal estudo representava e representa de certa forma uma maneira de dar retorno à comunidade que está fora da universidade e contribuir com discussões capazes de amenizar as nuances do racismo na sociedade.

Não conseguia e não consigo me imaginar, pesquisando algo que não fosse em relação a questão a relação étnico racial e que não fosse na escola pública. (...) Acho que tem que se fazer muito (...) a pesquisa é uma militância (Entrevistanda Alike, 2015).

Tudo o que eu estudo eu tento colocar no meu exercício profissional no meu trabalho (Entrevistanda Dandara, 2015)

Dessa forma, no departamento onde cada uma está inserida, a discussão sobre a temática racial continua de modo latente combinada a outras questões também necessárias como gênero, sexualidade e classe. Tais inserções se caracterizam como tentativa de dar respaldo e multiplicar pesquisas que aprofundem a discussão tanto racial quanto de gênero. Como bem destacado por uma das entrevistadas é o espaço onde elas se encontram enquanto pesquisadoras e aglutinam demais estudantes que também vivenciam situações de discriminação e preconceito na universidade.

Quando se refere a mencionar exemplos de discriminação e preconceito no ambiente de trabalho, todas as professoras disseram que é algo velado, quase imperceptível, mas que nem por isso deixa de existir. Uma das professoras que já assumiu cargo de coordenação interina do curso mencionou que de forma indireta já sofreu preconceito pelos demais professores homens. Havia certa negligência quando ela solicitava a presença dos mesmos nas reuniões do curso, fato que não ocorria na gestão anterior. É recorrente assim, ainda que de forma indireta, a ideia do não lugar. As professoras negras atuando em um lugar que não é delas, pelo seu demarcador de gênero e racial. Como bem destacado por Laborne (2014), essa é uma constante para negros que atravessam a zona de privilégio branco: o negro que alcançou essa posição vive em constante estado de alerta, como que a responder a questões ligadas à competência a todo o momento - mesmo que não verbalmente, mas através de gestos, atitudes e sentimentos.

Culturalmente e historicamente, há todo um mito fundante na sociedade que atribui aos negros, falta de capacidade intelectual e desempenho que a todo o momento, têm que provar que são capazes de exercer determinada função. Sendo assim, essas professoras têm que mostrar para todo mundo que são boas o suficiente para ocupar o lugar que se encontram. Tendem a fazer um esforço maior do que outras pessoas. Tal atitude é algo preocupante, pois demonstra certo que conformismo ou aceitação do mérito individual como algo que diminuísse as hierarquias sociais.

Além da ideia implícita do não lugar, em determinados momentos, há um descrédito dos demais colegas de trabalho, com relação as pesquisas que cada docente desenvolve. Por



se tratar de um estudo focado nas relações raciais, na visão de seus colegas de trabalho, trata-se de uma ciência inválida, colocando em xeque a capacidade intelectual de quem as desenvolve. Essa situação gerava em algumas situações, reações de boicote e indiferença para com as professoras negras.

A forma como as professoras reagem a tais situações, é se afirmando e expandindo ainda mais os espaços de atuação com relação às discussões raciais e de gênero. É o caso da professora Dandara que tem consolidado seu grupo de pesquisas sobre questões raciais do qual tem emergido várias pesquisas e projetos de extensão abordando a temática.

Eu tive que brigar muito no departamento (...) ter inimigas, dificuldades com a aliadas para poder está lá dentro. Porque não é só está lá dentro (das universidades), pautando, mas exigir uma sala, criar laboratórios de pesquisas, ter e concorrer a projetos de iniciação científica (...) então isso foi muito ardoroso. (...) Vai aparecer os embates pela pesquisa que faço e por ser mulher negra. (Entrevistada Dandara, 2015)

As situações onde racismo institucional, clarificadas pelas docentes, se encontram na dimensão do politicamente correto, do não dito, das entrelinhas. Ou como afirma a docente Kênia: *“o racismo institucional é bem complexo, e não necessariamente ele é frontal.”*

O racismo é muito sutil. As pessoas não dizem porque as pessoas sabem que podem ser punidas. Hoje em dia elas conseguem driblar isso aí, né. Você pode sentir racismo do modo como as pessoas lhe olham..., mas assim verbalmente, eu nunca senti nada. As pessoas estranhavam a minha cor dentro do grupo.” (Entrevistada Alike, 2015)

Corroborando a essa dimensão do racismo na sua forma invisível de existir, a experiência evidenciada pela entrevistada Dandara, relata uma situação vivida durante um concurso realizado antes de se tornar professora universitária:

Um concurso público que eu fiz, em 96, quando já estava cursando o mestrado e apareceu um concurso para a Secretaria de Saúde Pública do município de Fortaleza, que era pra ir trabalhar na maternidade da Conceição do Conjunto Ceará. Então tinha 11 vagas e eu fui a 11ª lugar (...) e aí quando eu pensei que ia ser concursada, servidora pública, (...) eu tinha necessidade muito grande de sustentar a família e tudo mais. Aí eu soube no dia que eu fui levar a minha documentação pensando que eu ia assumir, eu soube que eu tinha perdido a vaga porque na

época uma pessoa tinha recorrido e tinha tomado a minha vaga. (...) Aí eu descobro que essa pessoa não tinha título para ir comigo, ela tava lá no fundo da fila e ela era irmã da diretora do hospital...  
(Entrevistanda Zelma, 2015)

Com relação aos espaços de chefia ocupadas pelas docentes, das 7 entrevistadas, 5 (Dandara, Zaira, Safiha, Iemanjá, Alike), já ocuparam ou ocupam alguma posição de chefia dentro das universidades e também fora da universidade. Nesse novo espaço, elas enfrentam o racismo cordial que aparece nas entrelinhas assim como as discussões de gênero. Como já discorrido acima, os processos discriminatórios na maioria das vezes, não são claros e conseqüentemente inviabiliza a ação para combatê-lo. Concretamente, as situações exemplificáveis do racismo institucional, foram os seguintes: a falta de incentivo as pesquisas e liberação de espaços para discutirem a temática com os alunos invisibilizando dessa forma, a assunção da mulher negra como intelectual e acadêmica.

### **Algumas considerações necessárias**

Essa pesquisa buscou fazer um retrato da construção de carreira e ascensão social para docentes negras e professoras nas universidades públicas do estado do Ceará tendo como pano de fundo a discussão sobre racismo institucional e gênero. A partir das entrevistas realizadas, percebe-se que trata de carreiras construídas a soma de esforços e da criação de redes de solidariedade advindas de familiares, amigos ou pessoas de fora do contexto familiar.

Apesar de serem carreiras que podem ser identificadas a dedo, tais trajetórias não devem ser encaradas pelo olhar do exótico ou da exceção que confirma a regra, mas deve ser histórias que motivem a mobilização para que novas ações sejam pensadas, para que as mulheres, jovens e universitárias também tenham a oportunidade de galgarem projetos de ascensão dentro da sociedade.

Quanto ao racismo institucional, trata-se de equalizar melhor as situações aonde racismo institucional vem atuando de modo a criar estratégias de diálogo e combate nas instituições. É importante que demais estudos se debrucem a identificar os desafios presentes nos espaços acadêmicos de modo a dar voz e a criação de estratégias de combate as hierarquias. Como bem evidenciado nas entrevistas, ele se sobressai

principalmente na ideia do não lugar, ou o lugar que não é o de direito para mulheres negras ou um desmerecimento da intelectualidade negra.

Para a docente Safiha, mesmo tendo alcançado um status na sociedade, não deixa de passar por situações constrangedoras de racismo, mostrando assim que racismo independe da condição de classe como afirmavam e afirmam adeptos a democracia racial. Essa fala corrobora com os estudos realizados por Laborne (2014) no qual ser professor universitário significa de certa forma ascender socialmente, entretanto, não significa ficar livre de discriminações raciais uma vez que, no Brasil estas operam através de características fenotípicas tais como cor da pele, tipo de cabelo e traços corporais: tais características não desaparecem apenas porque o sujeito ganhou uma posição de destaque na sociedade.

Por fim, tendo como cenário de pesquisa o estado do Ceará, faz-se considerar que boa parte das docentes, fizeram suas pós-graduações na Universidade Federal do Ceará no eixo de pesquisa sobre relações étnico raciais do Departamento de Educação. Tal espaço tem sido de grande relevância no papel multiplicador de discussões e realização de pesquisas sobre questões raciais. O papel e a importância do eixo sócio poética da pós-graduação em educação, no momento em que dão apoio e abrem possibilidades de atuação para as professoras negras. Professores do eixo acabam por se constituírem enquanto multiplicadores de ações de combate e enfrentamento ao racismo criando uma rede de enfrentamento contra as hierarquias raciais nessa região. Diante desse cenário, torna-se necessárias outras pós-graduações que abordem essa temática e amplie as discussões de negros e negras nas universidades públicas.

## Referências

BORDI, Ivonne Vizcarra; BAUTISTA, Graciela Velez. Género y éxito científico en la Universidad Autónoma del Estado de México. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 581-608, Dec. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2007000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 09 abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2007000300005>.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus Editora, 1996.

\_\_\_\_\_ *A Dominação Masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BUTLER, Judite P. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 236p.

CARVALHO, Marília Gomes de Lindamir, CASAGRANDE, Salette. Mulheres e ciência: desafios e conquistas. *R. Inter. Interdisc. INTERthesis*, Florianópolis, v.8, n.2, p. 20-35, Jul./Dez. 2011 Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2011v8n2p20/20565> Acesso em: 20 de mar. de 2015

CITELI, Maria Teresa. Mulheres nas ciências: mapeando campos de estudo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.15, p.39- 75. 2000. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.bibliotecadigital.unicamp.br%2Fdocument%2F%3Fdown%3D51341&ei=sjxOVbvcNIq7ggTEsoHICw&usg=AFQjCNFgCzGu78O> Acesso em 10 de fev. de 2015

COSTA, Maria Conceição da. Ainda somos poucas: exclusão e invisibilidade na ciência. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 27, p. 455-459, Dec. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332006000200018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000200018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 09 abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332006000200018>.

CRESPO, Sílvio Guedes; VILELA, Taís. Maioria dos desempregados é de pretos ou pardos e mulheres. São Paulo: *Notícia uol*, 18/09/2014. Disponível em: <http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/09/18/maioria-dos-desempregados-e-de-mulheres-jovens-e-pretos-ou-pardos.htm> Acesso em 02 de fev. 2015.

CRISOSTOMO, Maria Aparecida dos Santos, dos Santos; REIGOTA, Marcos Antonio. Professoras universitárias negras: trajetórias e narrativas. Avaliação: *Revista da Avaliação da Educação Superior* [online] 2010, 15 (Julio-Sin mes): Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=219115782005>> ISSN 1414-4077 Acesso em: 10 de janeiro de 2015

DA SILVA, Joselina. Doutoradas professoras negras: o que nos dizem os indicadores oficiais - doi: 10.5007/2175-795X. 2010 v28n1p19. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 1, p. 19-36, jun. 2011. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n1p19>>. Acesso em: 09 marc. 2015.

DE CASTRO GUEDES, Moema. Gênero e Ciência: uma análise das mulheres nas carreiras acadêmicas no Brasil. In: *XXIX Congreso ALAS Chile: Crisis y Emergencias Sociales en America Latina*, 2013, Santiago - Chile. Anais do XXIX Congreso ALAS, 2013. Disponível em: [http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT11/GT11\\_deCastroGuedesM.pdf](http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT11/GT11_deCastroGuedesM.pdf). Acesso em: 15 de jun. 2015

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Econômicos. Estudos e Pesquisas-DIEESE. *A mulher negra no mercado de trabalho metropolitano: inserção marcada pela dupla discriminação*. Ano II – Nº 14 – Novembro de 2005.. Disponível em: [http://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2005/estpesq14112005\\_mulhernegra.pdf](http://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2005/estpesq14112005_mulhernegra.pdf)  
Acesso em 14 de mar. de 2015

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Econômicos. Estudos e Pesquisas-DIEESE. nº 68, São Paulo: agosto de 2013. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/estudosetorial/2013/estPesq68empregoDomestico.pdf>. Acesso em 20 de mar. de 2015

FERNANDES, Florestan. *A integração dos negros na sociedade de classes*. São Paulo: Globo, 5 ed. Volume 2. 2008

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 23ª Ed. São Paulo: Graal, 2007

GOFFMAN, Erving. *ESTIGMA: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, LTC, 1988.

GOMES, Nilma Lino. *Trajatória Escolar de professoras negras e sua incidência na construção da identidade racial: um estudo de caso em uma escola municipal de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado). Belo Horizonte, UFMG, 1994.

GOMES, N. L. Cultura negra e Educação. *Revista Brasileira de Educação*. Maio/Jun/Jul/Ago 2003 nº 23. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05> Acesso em: 15 de abr. de 2015

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: *Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas*. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

HUIJG, D. D. *Feministas Brancas. Tirando a máscara? A expressão da branquitude feminina nas relações raciais intra-gênero*. Dissertação de Mestrado- Universidade de Leiden, Amsterdam, 2007

IANNI, Octávio. *“Raças” e classes sociais no Brasil*. 48 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966

KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência. *Cadernos Pagu*, v. 27, n. 27, p. 13-34, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n27/32137.pdf>. Acesso em: 10 de mai. 2015

KISS, Diana; BARRIOS, Olga; ALVAREZ, Judith. Inequality and difference: women and academic development. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15 n. 1, p. 85-105, jan./abr. 2007. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2007000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=es)>. Acesso em: 10 ago. 2015

LABORNE, Ana Amélia de Paula. IDENTIDADE RACIAL E TRAJETÓRIAS DE DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR. *35ª Reunião da Anped*. GT 21. Educação e Relações étnico raciais. Porto de Galinhas: 2012. Disponível em: [http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT21%20Trabalhos/GT21-1602\\_int.pdf](http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT21%20Trabalhos/GT21-1602_int.pdf) Acesso em 10 de mar. de 2015

LABORNE, Ana Amélia de Paula. *Por essa porta estar fechada, outras tiveram que se abrir: identidade racial negra, branquitude e trajetórias de docentes da Educação Superior*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação- Uma perspectiva pós-estruturalista*. Editora Vozes, 1997

MOREIRA, Nilvaci Leite de Magalhães. MULHERES NEGRAS PROFESSORAS: DAS BARREIRAS RACIAIS A ASCENSÃO SOCIAL. *Revista Encontro de Pesquisa em Educação*, Uberaba, v.1, n.1, p.1. 2013 Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&ved=0CDYQFjAD&url=http%3A%2F%2Frevistas.uniube.br%2Findex.php%2Fanais%2Farticle%2Fdownload%2F747%2F1044&ei=DBxOVdi-CYHRgwTYyIH4BQ&usg=AFQjCNEVceyNRLdzGKywwSAIrJpZeKBdjg&sig2=fZbPAfaxgt4aFZCRhyv24A&bvm=bv.92885102,d.eXY> Acesso em 02 de abr. de 2015

MINELLA, Luzinete Simões. Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil: raça/etnia, uma lacuna?. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 40, p. 95-140, June 2013. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332013000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332013000100003&lng=en&nrm=iso)>. access on 09 May 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332013000100003>

MUNANGA, Kabengele. **Negritude - Usos e Sentidos**. Cidade: Autentica 2004. p.93

NASCIMENTO, Cleonice Ferreira do, MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. *A INFLUÊNCIA DA COR/RAÇA NA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DE PROFESSORAS NEGRAS*. Salvador: 2011, Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2010. Disponível em: [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1305571082\\_ARQUIVO\\_Ainfluenciadacor-racanatrajetoriaprofissionaldeprofessorasnegras-TrabalhoCompleto.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1305571082_ARQUIVO_Ainfluenciadacor-racanatrajetoriaprofissionaldeprofessorasnegras-TrabalhoCompleto.pdf) Acesso em: 05 de jun. 2015

NASCIMENTO, Cleonice Ferreira do. *Histórias de vidas de professoras negras: trajetórias de sucesso*. Cuiabá- MT, 2012: Programa de Pós-Graduação em Educação no Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Área de Concentração Educação, Cultura e Sociedade, Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCQQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.ie.ufmt.br%2Fppge%2Fdissertacoes%2Findex.php>

%3Fop%3Ddownload%26id%3D420&ei=DBxOVdi-CYHRgwTYyIH4BQ&usg=AFQjCNFAOyn35QIkaQYJm4WfV6428v5BMA&sig2=04SdYby4tRz8bgA33wGIEA&bvm=bv.92885102,d.eXY Acesso em: 15 de abr. de 2015

NUNES, Míghian Danae Ferreira. Histórias de professoras negras: a presença da oralidade nas trajetórias de resistência. Anais XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador: 2011. Disponível em: [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308270211\\_ARQUIVO\\_coonlab2011.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308270211_ARQUIVO_coonlab2011.pdf) Acesso em: 14 de mar. de 2015

OLIVEIRA, Eliana de. *Mulher negra professora universitária: Trajetória, conflitos e identidades*. Brasília: Liber Livro Editora, 2006

PRATES, Dinamara Silva. A inserção das mulheres negras nos cargos docentes das instituições de ensino superior. *ANAIS DO VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS UFPA*. Belém, Pará. 2014. Disponível em: <http://www.para2014.copene.org/resources/anais/3/st10/DINAMARA%20DA%20SILVA%20PRATES%20-%20OK.pdf> Acesso em 10 de mar. de 2015.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas. *Raça, Gênero e Educação Superior*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, UFBA, 2001. 320 p. Disponível em: [http://www.redeacaoafirmativa.ceao.ufba.br/uploads/ufba\\_tese\\_2001\\_DMQueiroz.pdf](http://www.redeacaoafirmativa.ceao.ufba.br/uploads/ufba_tese_2001_DMQueiroz.pdf) Acesso em: 20 de mar. de 2015

REIS, Maria Clareth Gonçalves. MULHERES NEGRAS E PROFESSORAS NO ENSINO SUPERIOR – AS HISTÓRIAS DE VIDA QUE AS CONSTITUÍRAM. 35ª Reunião da Anped. GT 21. Educação e Relações étnicas raciais. Porto de Galinhas: 2012. Disponível em: [http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT21%20Trabalhos/GT21-2187\\_int.pdf](http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT21%20Trabalhos/GT21-2187_int.pdf) Acesso em: 10 de mar. de 2015

RIBEIRO, Matilde. Relações Raciais nas pesquisas e processos sociais: em busca de visibilidade para as mulheres negras. In: RAGO, Margareth. (org.). *A mulher brasileira nos espaços públicos e privados*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004

Santos, Fernanda Gabriela Soares dos. *HISTÓRIAS QUE MARCAM...TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORAS NEGRAS*. Disponível em: [http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Formacao\\_de\\_Professores/Trabalho/02\\_07\\_25\\_HISTORIAS\\_\\_QUE\\_\\_MARCAM...TRAJETORIAS\\_\\_DE\\_\\_FORMACAO\\_\\_DEPROFESSORAS\\_NEGRAS.PDF](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Formacao_de_Professores/Trabalho/02_07_25_HISTORIAS__QUE__MARCAM...TRAJETORIAS__DE__FORMACAO__DEPROFESSORAS_NEGRAS.PDF) Acesso em: 10 de jun. de 2015.

SILVA, Maria do Rosario de Fátima Viera. *Mulher afrodescendente na docência superior em Parnaíba: memórias da trajetória de vida e ascensão social*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Piauí: Teresina, 2012. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/DISSERTA%20M%C2%AA%20R%20de%20F%C3%A1tima%202012.PDF> Acesso em: 20 de fev. de 2015

SOUZA, Neusa Santos. *TORNAR-SE NEGRO: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: v. 16, n.2, p. 5-22. Jul./dez. 1992

TEIXEIRA, Moema De Poli. *Negros na universidade: identidade e trajetória de ascensão social no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

VELHO, Léa; LEÓN, Elena. A construção social da produção científica por mulheres. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 10, p. 309-344, jan. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4631474>>. Acesso em: 09 de jun. 2015

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revistas Estudos Feministas*, 2001, vol. 9, n° 2, p. 460-482. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>. Acesso em 22 de fev. de 2015

YANNOULAS, Silvia C. "Mulheres e ciência." *Série Anis*, n. 47, p. 1-8, mar., 2007. Disponível em: <http://www.anis.org.br/ver/mulheres-e-ciencia> Acesso em 10 de jun. de 2015.